

PSICOLOGIA CLÍNICA E O FENÔMENO RELIGIOSO**CLINICAL PSYCHOLOGY AND THE RELIGIOUS PHENOMENON**Haleks Marques Silva¹, Leticia de Jesus Oliveira² e Maria José de Pinho³**RESUMO**

Este artigo nasce dos estudos e pesquisas sobre os conceitos de religião, alienação, cultura e psicologia na disciplina de "Psicologia e Ciências da Religião", do curso de Psicologia da Faculdade Católica Dom Orione (FACDO). Este escrito objetiva analisar como o fenômeno religioso é interpretado na prática da psicologia clínica. Bem como, refletir a interface entre psicologia e religião na formação da estrutura psicológica dos sujeitos. Além de atentar-se para a prática da psicologia clínica, diante da experiência religiosa de cada indivíduo que busca a psicoterapia. A metodologia utilizada foi pesquisa teórica de cunho bibliográfico feita através de análises de artigos, revistas, livros e em sites especializados no assunto. Os resultados mostram que a experiência religiosa dos sujeitos deve ser considerada com relevância no processo terapêutico, e que é fundamental uma preparação por parte dos psicólogos clínicos, para lidarem com tal demanda.

Palavras-chave: Fenômeno Religioso. Experiência Religiosa. Religião. Psicologia Clínica.

ABSTRACT

This article is the result of studies and research on the concepts of religion, alienation, culture and psychology in the discipline of "Psychology and Religious Sciences", from the Psychology course at the Catholic Faculty Dom Orione (FACDO). This paper aims to analyze how the religious phenomenon is interpreted in the practice of clinical psychology. As well as, reflect the interface between psychology and religion in the formation of the psychological structure of the subjects. In addition to paying attention to the practice of clinical psychology, given the religious experience of each individual seeking psychotherapy. The methodology used was theoretical research of a bibliographic nature made through analysis of articles, magazines, books and on websites specialized in the subject. The results show that the subjects' religious experience should be considered relevant in the therapeutic process, and that preparation by clinical psychologists is essential to deal with such demand.

Keywords: Religious Phenomenon. Religious Experience. Religion. Clinical psychology.

Data de recebimento: 05/01/2021.

Aceito para publicação: 12/02/2021.

1 INTRODUÇÃO

Buscamos, com este artigo, desenvolver uma análise sobre como psicologia e religião, se conectam e se atravessam ao longo da história. Sendo, pois, o fenômeno religioso uma experiência universal vivenciada por todos os homens, em todos os tempos, e que muitas vezes não consegue ser explicado pelo uso da linguagem, se tratando de uma experiência subjetiva, que apesar de ser compartilhada e institucionalizada socialmente por meio da religião, ainda assim é única para cada sujeito. A maneira como a experiência religiosa influencia as diversas áreas da vida, pode ser observada pela forma que a religião se faz presente na política, na educação e nas leis. Assim como na saúde, no entanto pouco é falado sobre os papéis que a religião exerce sobre a saúde física e mental dos sujeitos, sendo esse último aspecto um dos focos deste artigo.

Alguns dos principais teóricos da psicologia, se debruçaram sobre as nuances que envolvem a relação psicologia/religião, no que diz respeito ao efeito e função da experiência religiosa sob a construção do sistema psíquico e da subjetividade dos sujeitos. Aqui iremos nos aprofundar nos conceitos de religião para a psicologia analítica e para psicanálise.

O primeiro capítulo deste artigo visa trazer o conceito de fenômeno religioso e a sua dimensão e importância na vida dos sujeitos, logo deixando implícito o quanto é importante

¹ Faculdade Católica Dom Orione - FACDO. E-mail: halekshms@hotmail.com

² Graduanda de Psicologia da Faculdade Católica Dom Orione - FACDO

³ Universidade Federal do Tocantins. E-mail: mjpgon@mail.uft.edu.br

para um psicólogo clínico ter domínio sobre esse tema. O segundo capítulo visa descrever a relação da influência religiosa na saúde mental dos sujeitos, fará um breve apanhado histórico da relação entre religião e psicopatologia, apresentará conceitos relacionados a psicologia da religião, e de como esses conteúdos podem repercutir no atendimento clínico do psicólogo.

2 FENÔMENO RELIGIOSO

O livro intitulado “Cultura Religiosa”, afirma que o fenômeno religioso é universal, que perpassa por diferentes culturas, pois o homem é um ser religioso que desde os primórdios, apresenta uma inclinação à acreditar em uma força metafísica, criadora do cosmo, que gere toda forma de vida (WILGES, 2004). Ainda segundo este autor, o homem pode até mesmo está descrente de um Deus, no entanto ele sempre terá um ídolo, seja o estado, a arte, uma mulher, o dinheiro ou a ciência, para representar o seu objeto de devoção. Segundo Silva (2012), a relação do homem como fenômeno religioso, está conectado ao seu desejo de superar as limitações humanas, acessando assim há uma dimensão metafísica, que pode levá-lo a transcendência, algo que é possível pela experiência religiosa com o sagrado.

“A experiência religiosa, do Sagrado, permite ao ser humano superar suas incertezas, o fragmentário, sua finitude” (SILVA, 2012, p. 346). Wilges (2014), diz que a religião por sua vez, é o resultado dessa experiência religiosa com o sagrado, pois a mesma atribui um significado simbólico aos elementos naturais do mundo. A experiência com o sagrado altera fundamentalmente a forma como o homem encara os acontecimentos, vivenciar o mistério altera todas as áreas da vida do homem, e ele passa a se comportar e ver o mundo conforme essa experiência religiosa lhe inspira. A religião liga o homem ao mistério sagrado, dando significado a tudo, nada ocorre por obra do acaso.

Quando o ser humano tem um encontro com o Mistério, sua vida é totalmente modificada, como por exemplo o que vive a experiência da salvação, que acontece no encontro com o sagrado. Um novo modelo de vida surgiu nesse indivíduo, até o modo de ver o mundo muda. Ao seu redor tudo ganha um novo significado, é como se a vida fizesse sentido, e nada mais seria por acaso, mas, tudo evocaria a presença do Sagrado (SILVA, 2012, p. 346).

Para compreender de maneira aprofundada o quanto a relação do homem com o sagrado se dá de maneira integral, pode-se recorrer a obra de Miceia Eliade, que em seu livro “O sagrado e o profano”, lançado em 1992, descreve e sistematiza de como o homem religioso, e até mesmo o homem que se afirma irreligioso, estabelece uma relação com o sagrado. O autor ilustra, como diferentes culturas, de diferentes tempos históricos, se movimentam de acordo com os seus objetos de devoção e suas divindades, vivendo isso de maneira subjetiva e material (ELIADE, 1992).

Segundo Silva (2012), o fenômeno religioso seria uma forma do homem enquanto ser fragmentado por uma dualidade, corpo e alma, encontrar uma totalidade. O fenômeno religioso é a busca pela verdade, é a experiência de algo maior, algo que depende de uma força que está para além de explicações lógicas. Algo poderoso, que através de diversas linguagens se expressa.

Existem diversas linguagens usadas na experiência com o sagrado, como os símbolos, os mitos, e os ritos, nesses elementos, o ser pessoal busca preencher o significado de sua existência (SILVA, 2012, p. 348).

Logo, percebe-se que o fenômeno religioso também se configura como uma forma de poder, não apenas “poder divino”, mas também um poder estruturado na sociedade que

vive determinada crença, pois se configura como uma verdade, uma realidade, que dar sentido a existência do ser no mundo. Essa interpretação pode ser observada desde as sociedades e culturas mais primitivas, até as configurações religiosas pré-modernas. Eliade fala:

O homem das sociedades arcaicas tem a tendências para viver o mais possível no sagrado ou muito perto dos objetos consagrados. Essa tendência é compreensível, pois para os “primitivos”, como para o homem de todas as sociedades pré-modernas, o sagrado equivale ao poder (ELIADE, 1992, p. 14).

A religião oferece uma legitimação na estruturação do mundo subjetivo e objetivo do homem. O ser humano constrói o seu mundo interno, baseando-se paralelamente no mundo objetivo, e tanto o mundo objetivo quanto o subjetivo se baseiam em uma convivência social. E a cultura de uma sociedade é produto do homem a qual ela pertence. Sendo assim, quando a religião legitima um saber dentro de determinada sociedade, seja um código social ou um conjunto de princípios, ela está fornecendo normas que se estabeleceram como verdade naquela sociedade. Portanto, todo homem que faz parte de uma sociedade, experimenta uma vida comunitária solidificada em uma constante relação com o outro, onde compartilham e se orientam sob normas e valores em comum (SILVA, 2012).

Logo, religião e cultura estão intrínsecas dentro da organização social, conseqüentemente pode se dizer, que a cultura recebe uma influência demasiada da religião, o homem enquanto ser social busca seguir crenças que o ajude não só a entender a sua existência, mas que também estabeleçam condutas sociais a serem seguidas (WILGES, 2014). Sendo assim, quando sujeitos de uma sociedade passam a acreditar em determinada divindade, estes homens se organizam socialmente em torno dessa crença, modelando suas experiências e seus comportamentos, para que se adequem a conduta exigida dentro desse sistema religioso, sendo que essa conduta, se torna algo estabelecido como uma norma social (SILVA, 2012).

Observa-se, o quanto a relação do homem com o fenômeno religioso é intensa, e atinge diretamente a forma com a qual o sujeito irá perceber o mundo. Desde os princípios religiosos, que se mostram entrelaçados as normas de conduta social, que estabelecem os comportamentos sociais ensinados ao longo da vida, que com o desenvolvimento do sujeito enquanto ser pertencente a uma sociedade, passam a ser rotineiros, a experiência de um encontro com o sagrado que é algo único e totalmente fora da realidade rotineira, sendo algo capaz de marcar para sempre a vida do sujeito (SILVA, 2012).

Ainda de acordo com este autor, o encontro com o sagrado se mostra tão potente diante da existência do sujeito, que produz uma relação de subserviência entre o divino e o sujeito, onde este último reconhece o sagrado como algo poderoso, estabelecendo uma relação de servilidade. Yask Gondim afirma que:

Ele leva a alma a um estado que manifesta um sentimento de dependência do Sagrado. Um sentimento que reconhece a soberania absoluta do Sagrado e se coloca diante como uma criatura que depende inteiramente dele (SILVA, 2012, p. 347).

O encontro com o sagrado é uma experiência transformadora, que faz com que o sujeito altere seus comportamentos e sua maneira de ver os acontecimentos da vida, o sujeito escolhe servir a um Deus, seguir um dogma religioso. Sendo assim, o mundo subjetivo daquele sujeito é diretamente moldado de acordo com a experiência com o fenômeno religioso, a experiência com o sagrado e o divino (SILVA, 2012). Jung (*apud* PORTELA, 2013, p.52) explica que para a psicologia da religião, o conceito de religião está ligado a execução correta dos ritos sagrados, exigindo do homem devoto, uma conduta de

escuta, observação e servilidade para com os deuses, há no homem o desejo e vontade de servir a algo superior e divino.

Bruno Portela (2013, p. 53), assinala que na psicologia Junguiana, a religião tem um papel fundamental na estrutura psíquica dos sujeitos, na perspectiva de Jung a religião é tida como algo inato, presente e sentida na psique. Não há aqui, uma tomada de partido de determinada crença ou deus, mas sim uma concepção de um *homos religiosus*, que está sempre atento a acontecimentos que agem sobre ele. De forma que, a religião se constitui como uma função da estrutura psíquica do homem. Ainda analisando o conceito de religião na psicologia analítica de Jung, Portela (2013, p.55) o cita, “A religião também aparece em seus escritos como uma tentativa inata de proteção contra o inconsciente, destacando os rituais como medidas para afastar esses perigos”.

Sendo assim, não se torna interessante, uma prática da psicologia clínica que se propõe a estudar a psique, sem considerar o quão é relevante a ação do fenômeno religioso, na constituição da subjetividade do sujeito e na motivação de seus comportamentos. É inegável o quanto o sagrado está presente nos símbolos e signos que regem não só as estruturas sociais, mais que fazem parte das demandas trazidas pelos sujeitos no ambiente clínico (CAMBUY; AMATUZZI; ANTUNES, 2006, p. 78).

3 A PSICOLOGIA CLÍNICA E A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA

Segundo Portela (2013) Jung buscou durante sua jornada profissional fazer uma ponte entre a psicologia e a religião, por meio de seus escritos se torna possível observar como ele ressalta a função da religião na estrutura psicológica, não enfatizando a ligação de um elo entre o homem e Deus, mas de modo a demonstrar como a religião é uma representação da experiência psicológica, como uma manifestação do inconsciente, uma maneira do homem lidar com conteúdos que estão para além do seu controle.

A configuração dos ritos, e o apego a cultos estruturados e escrupulosamente pensados, dão ao homem a oportunidade de observarem e terem uma experiência com o sagrado. A religião oferece um equilíbrio entre o “eu” e o “não-eu” psíquico, sendo esse último, forças com as quais o sujeito não consegue lidar, pois estão ligadas a conteúdos inconscientes.

Religião enquanto uma função do sistema psíquico e uma experiência pessoal do sujeito, pode assumir aspectos diversos sendo o primeiro, se configurar como algo positivo, onde relacionada a imagens e símbolos, atribui qualidades a eles, transformando-os em algo sagrado, dignos de temor, culto e adoração, pois através deles o sujeito pode experimentar o transcendente. Em um segundo aspecto, a religião pode se mostrar como um comportamento para a vida, o reconhecimento de símbolos da religiosidade do inconsciente coletivo, que leva o sujeito a vivenciar em comunidade a experiência religiosa. Ambos aspectos são de vital importância para o equilíbrio psíquico, no entanto, a maneira como cada sujeito vivencia essas configurações da religiosidade, depende da sua experiência pessoal, fator que não altera o fato da religião ser uma latente necessidade humana.

Enquanto para Jung, a experiência religiosa se mostra positiva para a saúde psíquica, Freud apresenta uma posição contrária a essa colocação. O teórico idealizador da psicanálise, se opunha a ideia de *homos religiosus* de Jung, e apontava para a outra direção, a do *homo natura*. Na perspectiva freudiana, o homem não possui a necessidade de vivenciar a religiosidade, e ainda pontua que a experiência religiosa pode ser nociva a constituição da personalidade, Freud assinala a ligação entre religiosidade e neurose obsessiva compulsiva, onde a religiosidade em si, seria a prática neurótica obsessiva, que o sujeito repete compulsoriamente. As contribuições de Freud para os estudos da

experiência religiosa, atentam para um aspecto patológico da experiência do fenômeno religioso, aquela em que o sujeito passa a ser escravo de sua religião (SANTOS, 2013).

O posicionamento de Freud direciona para pontos importantes a serem explorados na psicologia clínica, tanto sob o viés da psicologia analítica quanto da psicanálise, a vontade e compulsoriedade. Portela (2013), fala a respeito do desejo e da vontade, que motiva o homem a voluntariamente servir a uma divindade e viver uma religiosidade, no entanto o posicionamento de Freud evidencia um outro lado da experiência religiosa, “se uma experiência religiosa escraviza o indivíduo, a mesma precisa ser revista, por se equipara a uma vivência e prática neurótica” (SANTOS, 2013, p.303).

Aqui fica nítido que nem toda experiência religiosa resultará em benefícios para o sujeito. Há aquelas que despertam um estado de hesitação, dúvida e até mesmo inquietação espiritual ao indivíduo, onde o sujeito busca vivenciar a religião de maneira alienante, como uma forma de escapar da realidade (SANTOS, 2013, p. 302). Cambuy, Amatuzzi e Antunes (2016, p.87) destinaram um tópico de seu artigo sobre a prática clínica da psicologia e a experiência religiosa, para comentarem acerca da psicopatologia e a religiosidade, as autoras dizem que algumas pessoas propendem a encarar a experiência da religião com fanatismo e assim, tendem a cair no fundamentalismo, onde passam a apresentar um comportamento autoritário, ditatorial e até mesmo inquisitório para com aqueles que pensam de maneira diferente. A postura fundamentalista transforma o outro em uma ameaça, o sujeito nesse estado está sempre inquieto, e para fugir desse sentimento tende a querer que o outro se submeta a sua crença, se tornando assim alguém que repetirá os mesmos discursos e comportamentos. Em caso de negação da convenção a crença, por parte do outro, o grupo de religiosos fundamentalistas, destina-se a discriminar os seus semelhantes/irmãos, do restante das outras pessoas, e assim se estabelece uma normatização de sagrado e profano, nas relações com os outros (ESPÍRITO SANTO, 1996, p.32 *apud* CAMBUY; AMATUZZI; ANTUNES, 2006, p. 78).

Campos, Silveira e Bonfatti (2019, p. 173) expõem sob a luz dos pensamentos junguianos, que o fundamentalismo religioso está ligado ao processo de individuação e não-individuação, Jung concebe a religião como uma experiência psicologico-arquetípica, e não como algo institucionalizado. O processo de individuação diz respeito sobre o desenvolvimento psíquico dos sujeitos, onde eles buscam conhecer e construir as suas singularidades em um mundo coletivo, e assim os sujeitos podem desempenhar melhor o seu papel social, consciente de suas singularidades. Esse processo só é possível pelo contato social, pois o indivíduo traça um caminho interior, na busca de identificar as suas particularidades, ao mesmo tempo que as diferencia do mundo coletivo.

No entanto, quando a uma interiorização de normas sociais e um enaltecimento de condutas sociais por parte do sujeito, o processo de individuação fica comprometido, e ele passa a estagnar a sua personalidade individual, e não reconhece suas características singulares, adotando assim, tudo que vem do coletivo e do normatizado. Quando a experiência religiosa, parte de uma concepção psicologico-arquetípica, e o sujeito tem a possibilidade de vivenciar uma experiência com o sagrado, ele passa pelo processo de individuação, porém quando a única experiência religiosa do sujeito está ligada a religião institucional, ele tende a não se reconhecer subjetivamente, passando a considerar apenas os dogmas e princípios normatizados pelo coletivo (JUNG, 1991 *apud* CAMPOS; SILVEIRA; BONFATTI, 2019, p.173).

A respeito da relação entre religião, experiência religiosa e o adoecimento psíquico ao longo da história, Neto, Junior e Martins (2009, p. 45) no seu livro intitulado, “Influências da Religião sobre a Saúde Mental”, trazem no terceiro capítulo, uma análise de como as religiões lidavam com os sujeitos em adoecimento psíquico, portadores de transtornos mentais, e com os que cometiam suicídio, desde tempos mais antigos, até os dias de hoje. Os autores iniciam o capítulo falando que:

Para os médicos, psicólogos e outros profissionais de ajuda é importante conhecer as religiões e sua história. A religião influencia a saúde e a doença e seu conhecimento permite, na prática clínica, entender comportamentos poderosos, complexos, variados e imprevisíveis. A Psiquiatria e a Psicologia nos seus primórdios, por toda a Antiguidade e Idade Média, estiveram interligadas com a religião. Explicações naturais, somáticas, psicológicas e sobrenaturais coexistiram sem conflito excessivo. Sentimentos religiosos, cerimônias religiosas e profissionais ligados a religião, sempre estiveram presentes quando se é afligido por uma doença (NETO et al., 2009, p. 45).

Na antiguidade era muito comum associar transtornos mentais e psicopatologias, a castigos de deuses, possessão de espíritos e demônios, magia, e à ação de forças malignas ocultas. Acreditava-se que os comportamentos alterados do sujeito acometido por algum transtorno mental, era devido a uma desordem na alma. Um exemplo comum dessa crença, era a trepanação, um procedimento que visava livrar o sujeito da entidade que o possuía ou o atormentava, que consistia basicamente em um furo em determinada área do neuro crânio, por onde acreditava-se que o espírito ou demônio pudesse passar, deixando a alma do doente, livre (NETO et al., p. 46).

A presença de menções a doenças mentais e alterações psicológicas são comuns em textos sagrados e na mitologia de diversas religiões. Na bíblia, que é o livro sagrado do cristianismo, há diversas passagens que narram histórias de pessoas com delírios, alucinações, crises epiléticas, comportamentos alterados, e mudanças bruscas de humor. É possível também encontrar em diversas outras religiões, relatos de personagens com alterações psicológicas, como no hinduísmo, budismo, judaísmo, e na mitologia greco-romana. Todas as religiões contam com passagens, ritos e contos que se direcionam a pessoas com psicopatologia. Mesmo com o avanço da medicina e da psiquiatria no mundo ocidental, por um longo tempo imperou a ideia de que doenças mentais tinham causas demonológicas, de forma que as pessoas doentes mentalmente eram lidas pela sociedade como ruins, bruxos, feiticeiros, enfeitizados. E o tratamento aplicado era sempre violento, baseado em torturas e exorcismo (NETO et al. 2009, p. 55).

Com o avanço da ciência positivista, da medicina e dos estudos relacionados à psicopatologia, houve um estabelecimento de limites entre essas áreas da ciência psicológica, e a religião. As correntes da psicologia e da psiquiatria mais voltadas para o positivismo, passaram a adotar uma postura rígida quanto a considerar a experiência religiosa como um fator relevante para os estudos acerca da saúde mental, de maneira que, rejeitam qualquer explicação mentalista ou que faça referência a existência de um conceito de “alma humana”. Tanto a psiquiatria quanto a psicologia em suas correntes positivistas, apresentam uma tendência a patologizar qualquer fenômeno ligado a dimensão religiosa.

Na terceira edição do DSM-III R, a revista de classificação dos transtornos mentais dos Estados Unidos, fez doze menções a religião, todas as doze utilizadas para exemplificar fenômenos patológicos. Fato que demonstrou a urgência em uma maior sensibilidade das ciências psicológicas, no tocante a dimensão religiosa dos problemas psicológicos e emocionais dos sujeitos, reconhecendo isso, em uma nova edição do DSM-IV, houve uma mudança, onde uma nova classificação foi instaurada, a dos “problemas psicoreligiosos ou psicoespirituais”, onde não é definido como patológica, as experiências estressantes ou perturbadoras advindas de uma crença ou prática religiosa em determinada igreja ou organização, como conversão em outra religião, perda da fé ou o questionamento da mesma. Os problemas psicoespirituais que deixaram de ser patologizados foram aqueles que surgem da demanda de estresse ou perturbação, advindo da experiência do relacionamento com um ser divino ou sagrado, como experiências de pressentimento de morte, experiências místicas, ou mudanças perceptuais vindas de uma nova prática espiritual (NETO et al, 2009, p. 44).

Percebendo a necessidade de voltar os estudos da psicologia para a dimensão religiosa novamente, e dessa forma detalhar a relação entre os fenômenos psicossociais e o fenômeno religioso na atualidade, surgiu uma nova disciplina dentro da psicologia, a psicologia da religião. Esse novo campo estudo visa um equilíbrio entre os dois pólos, mantendo um caráter interdisciplinar, propõe um diálogo entre as duas formas de conhecimento, além de definir uma análise crítica na relação estabelecida entre psicologia e religião (BRAZ, 2004, p. 23). A principal atividade da psicologia da religião é estudar o princípio e a essência da mente religiosa, o objetivo dessa disciplina não é fazer uma definição do comportamento religioso, apesar que nada impede de fazê-lo, no entanto, o ponto central está em investigar o porquê, e de que forma os fenômenos religiosos se estabelecem na estrutura psicológica humana, e assim compreender de forma mais tangível os fenômenos psicológicos pelo quais se torna possível vivenciar a experiência religiosa (BAUNGART; AMATUZZI, 2007, p. 96).

A necessidade de se ter novamente o homem holístico, que desapareceu com o avanço da ciência moderna, fez com que surgisse na psicologia clínica o interesse pela dimensão religiosa dos sujeitos, visto que se tem observado uma urgência nas sociedades da redescoberta do sagrado. No entanto, ainda há muitos obstáculos que dificultam o estabelecimento de uma conduta para o psicólogo clínico lidar com a experiência religiosa de seus clientes/pacientes no consultório. As questões começam ainda na graduação, devido ao fato de que pouquíssimas Universidades oferecem disciplinas relacionadas diretamente a religião, ou que estimulem de alguma maneira os discentes a estudar mais a fundo o tema. Poucos psicólogos têm interesse em se especializar em assuntos relacionados ao fenômeno religioso, e quando recebem sujeitos com essa demanda na clínica tendem a ignorar, ou assume uma postura indiferente, pois não considera o problema como algo direcionado a ele, e sim ao um religioso, reduzindo a experiência religiosa a uma mera nuance da psique (BRAZ, 2004 p. 20).

“O psicólogo está esquecendo de que o indivíduo quando procura o seu atendimento especializado, ele o faz de forma integral, que ao trazer questionamentos nessa dimensão ele engaja elementos psicológicos na vivência religiosa” (GIOVANETTI, 1999 *apud* BRAZ 2004, p. 20). Outro fator que atrapalha o psicólogo a lidar com experiência religiosa na clínica, é a sua própria religiosidade e os preconceitos que carrega consigo, desta maneira ele deve sempre estar atento para os seus conceitos próprios acerca da religião, tendo em mente que a forma que cada sujeito vivencia a religiosidade é singular, sendo assim ele não deve permitir que o processo psicoterápico seja comprometido pelos seus preconceitos ou posicionamentos particulares. Por esse motivo, é interessante que o psicólogo busque referências teóricas que o auxiliem no manejo da demanda religiosa do paciente (BRAZ, 2004, p.22).

Cambuy, Amatuzzi e Antunes (2006) destacam algumas das demandas recorrentes na prática clínica, ligadas diretamente a problemas de ordem religiosa, como culpa, principalmente no campo da sexualidade, alteração de percepção e comportamento, onde o cliente/paciente afirma que são causadas por forças ocultas e divergências com doutrinas impostas por líderes religiosos. À vista disso, destacam-se quatro pontos fundamentais para que o psicólogo clínico tenha uma compreensão psicológica da religiosidade, são eles: relevância da religião na cultura, incidência do fenômeno religioso na clínica psicológica, relações entre religiosidade e saúde mental e considerações dos valores na prática clínica (SHAFRANSKE; MALONY, p. 562-563 *apud* CAMBUY; AMATUZZI; ANTUNES, 2006, p. 79).

Diante do exposto, nota-se que é preciso que o psicólogo acolha integralmente o sujeito que o procura, instigando-o a vivenciar a sua experiência religiosa de uma forma saudável e reflexiva. Abrindo espaço dentro do processo terapêutico, para que o sujeito possa expor sua relação com a fé rotineiramente e também suas experiências

transcendentes. Essa postura exige um conhecimento não só do outro, mas de si também, é um processo que deve ser assumido com responsabilidade pois exige uma maturidade psicológica por parte do profissional e do paciente/cliente. Através dele o psicólogo auxilia o paciente na desconstrução neurótica e narcisista da religião, e assim o sujeito pode vivenciar uma espiritualidade mais amadurecida, baseada em uma experiência religiosa não adoecedora e alienante, essa é uma interpretação restauradora da experiência religiosa, que se vivida genuinamente, causa um impacto positivo na relação do sujeito como fenômeno religioso.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das considerações apresentadas aqui, fica evidente a necessidade de se atentar para os assuntos relacionados a religiosidade, e experiência religiosa de cada sujeito que procura atendimento clínico. No entanto, também é preciso um interesse por parte dos profissionais que atuam na prática clínica, de reconhecerem a complexidade dos conteúdos ligados ao fenômeno religioso, bem como, de ter um autoconhecimento no que diz respeito a sua própria experiência religiosa, para garantir um atendimento psicoterápico bem sucedido.

É necessário que dentro do ambiente clínico o sujeito tenha a sua experiência religiosa validada, que o profissional entenda que a necessidade de uma relação como o sagrado é algo inerente a qualquer homem, logo faz parte da sua constituição enquanto sujeito, e que isso é de fundamental interesse para a psicologia enquanto ciência e profissão.

REFERÊNCIAS

- BAUNGART, Thais de Assis Antunes; AMATUZZI, Mauro Martins. Experiência religiosa e crescimento pessoal: Uma compreensão fenomenológica. **Revista de Estudo da Religião**, São Paulo, n.04, p. 96, 2007.
- BRAZ, Rebeca Maria Maciel. **O Sentido Religioso na Psicologia**. 2004. 41f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Faculdade de Ciências da Saúde, Centro Universitário UniCEUB, 2004.
- CAMBUY, Karine; AMATUZZI, Mauro Martins; ANTUNES, Thais de Assis. Psicologia clínica e experiência religiosa. **Revista de Estudo da Religião**, São Paulo, n.03, p.78-90, 2006.
- CAMPOS, Fabiano Vitor de Oliveira, SILVEIRA, Luiz Henrique Lemos, BONFATTI, Paulo Ferreira. A religião e o fundamentalismo religioso na contemporaneidade: uma análise da psicologia junguiana. **Revista de estudo e pesquisa sobre religião**, Juiz de Fora, v.21, n.02, p. 173-175, 2019.
- ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- NETO, Francisco Lotufo; JUNIOR, Zenon Lotufo; MARTINS, José Cássio. **Influências da Religião sobre a Saúde Mental**. 1. ed. São Paulo: ESEtec, 2009.
- PORTELA, Bruno de Oliveira Silva. O conceito de religião no pensamento de Carl Gustav Jung. **Revista Sacrilogens**, Juiz de Fora, v.10, n.01, p. 53-55, jan-jun., 2013.

SANTOS, Elismar Alves. As contribuições de Freud e Jung à psicologia da religião. **Revista de estudo e pesquisa da religião**, Juiz de Fora, v.16, n.01, p. 302-303, 2013.

SILVA, Yask Gondim. Fenômeno religioso: uma busca pela verdade. **Revista Fragmentos de cultura**, Goiânia, v.22, n.4, p. 345-353, out.-dez., 2012.

WILGES, Irineu. **Cultura religiosa**: as religiões no mundo. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2014.